



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

AS TRANÇAS RESISTEM: FEMINISMO NEGRO E EPISTEMOLOGIA SOCIAL A PARTIR DE TRAJETÓRIAS DE VIDA DE PESQUISADORAS NEGRAS EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

BRAIDS RESIST: BLACK FEMINISM AND SOCIAL EPISTEMOLOGY FROM THE LIFE TRAJECTORIES OF BLACK RESEARCHERS IN LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE

Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Universidade Federal do Cariri (UFCa)

Gustavo Silva Saldanha, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O objetivo desta pesquisa é (re)contar as trajetórias de vida de pesquisadoras negras do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação e suas tranças intelectuais, tendo como base o fundamento da epistemologia social. Metodologicamente, a investigação baseou-se numa abordagem qualitativa de pesquisa, do tipo documental. As fontes selecionadas denominadas biobibliográficas, memoriais e artigos autorais, disponibilizados pelas protagonistas da pesquisa, foram analisadas a partir do método autobiográfico, do princípio analítico da interseccionalidade, e compreendidas sob a ótica de uma Epistemologia Social Feminista Negra. As tranças intelectuais foram construídas pela noção de Baobá Genealógico com dados coletados na Plataforma Lattes, via as bases de Currículos Lattes e o Diretório de Grupos de Pesquisa. Os resultados da pesquisa mostram que os fragmentos narrativos das trajetórias de vida das pesquisadoras e os respectivos Baobás Genealógicos serviram de aporte para uma compreensão da atuação, experiência, luta, protagonismo e resiliência dessas mulheres em seus espaços. Nas considerações finais, reforça-se a importância da presença de mulheres negras em todos os espaços da sociedade, e apesar da mídia e dos currículos escolares não abordarem a profundidade dessas existências, as vidas complexas de mulheres negras podem promover grandes contribuições científicas e importantes transformações sociais.

Palavras-Chave: Biblioteconomia e Ciência da Informação; feminismo negro; epistemologia social; trajetórias de vida.

Abstract: The goal of this research is to (re)tell the life trajectories of black researchers in the field of Librarianship and Information Science and their intellectual braids, based on the foundation of social epistemology. Methodologically, the investigation was based on a qualitative research approach, of the documentary type. The selected sources, called biobibliographical, memorials and authorial articles made available by the research protagonists, were analyzed using the autobiographical method, the analytical principle of intersectionality, and understood from the perspective of a Black Feminist Social Epistemology. The intellectual braids were built from the notion of Genealogical Baobab, and from data collected on the Lattes Platform, via the Lattes Curriculum bases and the

Research Groups Directory. Results show that the narrative fragments of the researchers' life trajectories along with their respective Genealogical Baobabs served as input for understanding the performance, experience, struggle, protagonism and resilience of these women in their spaces. In the final considerations, the importance of the presence of black women in all areas of society is reinforced, and although the media and school curricula do not address the depth of these existences, the complex lives of black women can promote great scientific contributions and important social transformations.

Keywords: Librarianship and Information Science; black feminism; social epistemology; life trajectories.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da pesquisa concluída de doutorado que teve como objeto as trajetórias de vida de três pesquisadoras negras que atuam e/ou atuaram na pesquisa, ensino e extensão em Biblioteconomia e Ciência da Informação: Mirian de Albuquerque Aquino, Maria Aparecida Moura e Joselina da Silva. Partimos do pressuposto que essas pesquisadoras construíram e ainda constroem “tranças” de intelectuais negras e negros e não negras e não negros. Elas integram saberes e formam profissionais/cientistas/pessoas sensíveis e atuantes à problemáticas que afetam a sociedade e são fatores geradores de discriminação e exclusão social, como racismo, machismo, sexismo e LGBTfobia.

Usamos a simbologia das tranças em diálogo com a ideia de redes e, centralmente, de teia (captura vegetal, igualmente sólida e flexível, rigorosa e aberta ao mesmo tempo, repleta de fios finos e tênues que, por sua vez, reunidos em direções múltiplas, criam força, resistência e beleza para o desenvolvimento de uma dada estrutura social, um grupo, um coletivo, uma comunidade epistêmica), pois essa reforça o orgulho de ser negra e negro. A estética é movimento de resistência. É reflexo de origens diaspóricas de um povo silenciado, apagado e colocado às margens da sociedade.

A pesquisa é situada, nos dizeres de Donna Haraway (1995) ao lidar com a problemática dos “saberes localizados”, como uma ciência que se posiona, ou melhor que assume que se posiciona. E ao se assumir como ciência posicionada, assumimos também um compromisso em usar esse espaço para reflexão e crítica das formas de produção de conhecimento que não assume seu lugar e continua reproduzindo o mito da “neutralidade do fazer científico”. Assim, como proposto pelas epistemologias feministas, os processos de autoria também incluem os afetos que nos levam a aprender durante a pesquisa com seus desafios, acertos, erros, frustrações e ajustes. Essa condição não é estranha ou avessa ao desenvolvimento do campo informacional, ou seja, pela via de uma epistemologia histórica a

posição aqui colocada contesta o discurso de uma epistemologia da Ciência da Informação constituída sem reflexão política ou afastada das questões sociais. A questão está não no a-político ou no a-social dos discursos informacionais novecentistas, por exemplo, mas justamente na intencionalidade de tais discursos na direção do político e do social, como a força liberal no final do Século XVIII via o projeto angloamericano e o apelo neoliberal dos discursos do campo a partir dos anos 1970.

Em face dessa problemática, esta pesquisa tem como objetivo geral: (re)contar as trajetórias de vida de pesquisadoras negras do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação e suas tranças intelectuais, tendo como base o fundamento da epistemologia social.

2 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O fundamento metodológico deste estudo se baseia em uma abordagem qualitativa que se propõe a responder questões particulares inerentes às Ciências Sociais. O tratamento do corpus de análise foi de cunho qualitativo, descritivo e analítico para então procedermos à interpretação e compreensão do fenômeno observado e sua consequente análise.

Entendemos nossas fontes como Biobibliográficas, pois apresentam um “relato da vida de um autor, acompanhado da relação das suas obras; resulta da fusão da biografia com bibliografia” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 161). As fontes/documentos coletados divergem tanto no gênero quanto a tipologia. Elas foram obtidas por meio do contato com as próprias pesquisadoras e/ou suas famílias: memoriais, artigos e relatórios de autoria própria; livros, artigos, notas de outras autorias.

Sendo assim, com relação aos dados coletados, classificamos essa pesquisa como documental pois trabalhamos com fontes que nos colocam em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do objeto de pesquisa, que são as trajetórias de vida das pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Para analisar esse conjunto de dados, que integra a etapa sobre as “narrativas de vida”, fizemos o uso do método autobiográfico ou autonarrativo (GOLDEMBERG, 2004; NÓVOA, 1995). Em um segundo momento, utilizamos a noção de Baobá Genealógico para apresentar as tranças intelectuais dessas pesquisadoras negras. O Baobá é uma árvore, mas também um dos símbolos fundamentais das culturas africanas tradicionais (SILVA, 2019).

Para construir essa árvore utilizaremos como fonte a Plataforma Lattes, via as bases de Currículos Lattes e o Diretório de Grupos de Pesquisa (DPG), a fim de identificar os currículos e os grupos de pesquisa que essas pesquisadoras são filiadas. Para complementar e contribuir para análise dos dados utilizaremos fontes biobibliográficas selecionadas de autoras e autores que escreveram e publicaram sobre as pesquisadoras.

Ainda como recurso de análise, completando uma tríade, mas que atravessa toda forma de pensar metodológica, sobretudo entendendo a complexidade do objeto de estudo, utilizamos a interseccionalidade. Tal corrente perspectiva metodológica, uma “sensibilidade analítica” que [pode] “impede reducionismos da política de identidade - elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável” e investigam os cenários conflituosos de choques e impactos causados entre as estruturas que geralmente não conseguem lidar com os tipos de “discriminações interseccionais”, como afirma Carla Akotirene (2018, p. 54).

2.1 DAS TRANÇAS: apresentação do corpus trançado de pesquisa

Apresentamos aqui o perfil biobibliográfico estrutural do corpus de pesquisa. A seleção das fontes se deu, pela via qualitativa, sem demarcação de amostra, como foco de historicidade representativa da epistemologia negra feminista no campo biblioteconômico-informacional.

Entendendo que essas relações produzem significados de tal modo que fragmentam grupos, requerendo análises para que nos posicionem em oposição e aceitação de certas práticas que se naturalizam no cotidiano docente. Sendo assim, a partir agora introduziremos as protagonistas, mulheres, professoras, pesquisadoras, militantes-ativistas negras desta pesquisa.

Mirian de Albuquerque Aquino, primeira protagonista da pesquisa, ponto zero, pois através dela que estabeleceu conexão com as outras duas pesquisadoras que terão suas trajetórias contadas. Ela é graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas (1975-1979), pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, iniciou sua trajetória no campo da Educação, onde se especializou em Pesquisa Educacionais (1988-1998). Fez o mestrado em Biblioteconomia, concluído no ano de 1994, e no doutorado retorna à Educação, concluído no ano 1998 com a tese *Discursiva e Construção do Sentido na Sala de Aula*. Em 2014 retorna de Barcelona, onde realizou seu estágio pós-doutoral na Universidade de Barcelona.

Em sua atuação profissional, vinculou-se a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, durante o período de 1987 a 2012, e também a Universidade Federal da Paraíba de 1999 até o ano de 2016 (quando se aposentou), onde foi fundadora a coordenadora do Grupo de Estudos Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas (GEINCOS) e posteriormente do Núcleo de Estudos em e Relações Étnico-Raciais (NEPIERE), quando começou a trabalhar de maneira mais enfática as questões étnico-raciais.

A segunda protagonista é a Professora Maria Aparecida Moura. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 1993, com mestrado em Educação também na mesma instituição, concluindo no ano de 1996 e no ano de 2002 concluindo o doutorado, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Na sua formação acadêmica, observamos uma formação que perpassou várias áreas do conhecimento, e teve como fio condutor a questão das tecnologias de informação. Ela também realizou dois pós-doutorados, o primeiro deles na Maison des Sciences d'Homme (2006-2007) e o segundo na Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne (2018). Ingressa na UFMG como professora substituta, durante o período de 1995-1996, e em 1998 como professora efetiva sob o regime de dedicação exclusiva, vínculo que mantém até hoje.

A terceira protagonista, Joselina da Silva, graduada em Letras com especialização em Sociologia Urbana, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1996, onde realizou um estudo sobre um dos lugares de organização do movimento negro no Brasil. Em 2001 conclui o mestrado em Ciências Sociais, com a dissertação Lugar de negros no plural. E ainda pela UERJ defende a tese, no ano de 2005, União dos Homens de Cor: uma rede do Movimento Negro após o Estado Novo. Possui pós doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP). Atuou como professora na Universidade Federal do Cariri (UFCA), no curso de Biblioteconomia, nível de graduação dos anos de 2013 a 2015, exercendo cargo de diretoria na mesma instituição. Também foi professora na Universidade Federal do Ceará, nos níveis de graduação (2006-2013), especialização, pós-graduação desde o ano de 2007 mantendo o vínculo até hoje. Também atuou na Fundação Cultural Palmares (2014-2015) e no Centro de Estudos Afro Brasileiros (1999-2005), e atualmente é professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, tendo ingressado no ano de 2015 e coordena N'BLAC (Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais), certificado pelo CNPQ.

As tranças interpenetram-se por meio da investigação dos desenvolvimentos histórico-culturais das relações étnico raciais, mais especificamente, das negritudes no cenário local, regional, nacional, dialogando, também com recortes do contexto internacional das trajetórias de vida das protagonistas desta pesquisa. O fio condutor é alinhavado em alguns objetivos, dialeticamente trançados, que procuram refletir por meio vida dessas mulheres negras, a perspectiva da realidade, sob uma ótica pluridisciplinar, que tornem visíveis as produções intelectuais e elos acadêmicos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA EPISTEMOLOGIA SOCIAL FEMINISTA NEGRA

O referencial teórico selecionado para este estudo, tem como base a epistemologia social, o “social” na Ciência da Informação, o feminismo negro, a presença de mulheres negras em espaços públicos, os estudos de gênero e o protagonismo de mulheres negras. De forma metodológica, ao utilizarmos essas teorias nesta pesquisa, buscamos compreender a realidade cotidiana das pesquisadoras, sem isolá-la da vida das professoras negras e sua história. Pretendemos, assim, nos aproximar do pensamento individual, porém articulando-o com o social, enfocando os processos que apresentam e articulam a atividade cognitiva e as condições sociais em que são originadas as representações.

Caminhando com Grada Kilomba (2016), nos propomos realizar o processo de descolonizar o conhecimento escrevendo sobre o nosso próprio corpo e o corpo de mulheres periféricas, uma estratégia usada por mulheres africanas e afrodiáspóricas para desconstruir sua posição dentro da academia. E convidamos a academia a pensar fora desse centro junto conosco, a unir a epistemologia social ao feminismo negro como estratégia para análise e compreensão das trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação. E partir daí, talvez, surgirá uma nova forma de pensar, uma “Epistemologia Social Feminista Negra” (EPISFEN).

Sendo assim, para abordar esse cenário, nos apresentamos nesse artigo um quadro teórico, revisado e levantado, para nos aprofundar nas discussões sobre “Epistemologia Social”, a partir dos estudos de Margaret Egan e Jesse Shera (1952), Jesse Shera (1973); a compreensão do “social” na CI com a interlocução de Carlos Alberto Ávila Araújo (2003), Sueli Carneiro (2005), Grada Kilomba (2016), Solange Puntel Mostafa (1985) e o “paradigma social” da informação com Rafael Capurro (2003).

Nosso questionamento aqui, reconhecendo essas autorias que desenvolveram a epistemologia do campo no decurso histórico é: qual o lugar da epistemologia social negra feminista na constituição do pensamento biblioteconômico-informacional?

As discussões sobre gênero, feminismos e mulheres ganharam espaço a partir do século XIX e início do século XX, principalmente, por meio da força organizada do movimento feminista, que debateu temas que outrora eram desconsiderados ou proibidos e que até hoje encontram resistência nas ideologias racistas, machistas e sexistas, as quais, infelizmente, ainda formam as sociedades.

A revisão para esta discussão, e que complementa a fundamentação para pensar uma “Epistemologia Social Feminista Negra” se estrutura a partir de discussões de vão desde o contexto histórico dos movimentos sociais e organizações de mulheres negras, com Leyde Klebia Rodrigues da Silva (2014) e Lélia Gonzalez (1984); a presença de mulheres negras em espaços públicos, com sob a ótica de Sylvia Walby (2009), Angela Davis (2016), Rosana Heringer (2006) e Sueli Carneiro (2005); epistemologias feministas negras dialogando com Sueli Carneiro (2005), Lélia Gonzalez (1984), Djamila Ribeiro (2016, 2017, 2018), Patricia Collins (2000), Angela Davis (2016, 2017) e bell hooks (1995, 2017); e por fim; o protagonismo de mulheres negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação as publicações sobre gênero, raça, e sexualidades organizadas pelo Selo Nyota¹.

4 TRAJETÓRIAS DE VIDA DE PESQUISADORAS NEGRAS A PARTIR DE UMA EPISTEMOLOGIA SOCIAL FEMINISTA NEGRA

As trajetórias de vida de pesquisadoras negras entendidas a partir do esforço teórico-metodológico que estamos chamando de Epistemologia Social Feminista Negra (EPISFEN), explicitam e modificam a forma pela qual constroem sua identidade pessoal e profissional. As protagonistas desta pesquisa, nos dizeres de Bell Hooks (2017) “nos ensinam a transgredir”. Transgredir barreiras raciais, sexuais, de classe, e atingirem a liberdade.

Para isso, primeiramente, selecionamos 3 (três) tipos de fontes biobibliográficas autorais obtidas por meio do contato com as próprias pesquisadoras e/ou suas famílias:

¹ Selo editorial, criado em 2019, por Franciéle Silva e Nathália Romeiro, que tem como objetivo assessorar editorialmente mulheres, negras e negros, indígenas e a população LGBTQIA+ que são pesquisadoras e pesquisadores, profissionais e estudantes das áreas da Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Comunicação e CI. O princípio norteador do Selo é tornar o meio acadêmico e científico representativo para essas distintas áreas do conhecimento.

Mirian Aquino (Memorial presente no Relatório de Estágio Pós-Doutoral finalizado em 2014); Aparecida Moura (Memorial de Professora Titular apresentado em 2012) e; Joselina da Silva (Artigos sobre as influências de mulheres negras na sua trajetória de vida). Em seguida, a partir do método autobiográfico extraímos dessas fontes autorais fragmentos de suas narrativas, para que possam ser (re)contadas e em seguida analisá-las, cruzando questões presentes nas mesmas dos princípios da interseccionalidade e questões norteadoras do fundamento da Epistemologia Social.

Em um segundo momento, a partir da noção de Baobá Genealógico, visualizamos essas teias de saberes construídas e solidificadas por essas pesquisadoras negras, como galhos e ramas de um Baobá que nos permitiu observar as tranças intelectuais dessas pesquisadoras. Como já mencionado, para construir essa árvore usamos como fonte dados coletados nos currículos lattes das pesquisadoras e em seus Diretórios de Grupos de Pesquisa (DPG) e para complementar utilizamos fontes biobibliográficas selecionadas de autoras e autores que escreveram e publicaram sobre as pesquisadoras.

4.1 Pesquisadoras negras e suas trajetórias de vida

De que modo podemos compreender a dimensão narrativa que envolve a trajetória de vida pessoal?

A partir de agora vamos apresentar algumas dessas memórias autobiográficas. Elas por elas! Vejamos o quadro 1 a seguir:

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB 2021

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

Quadro 1 – Memórias autobiográficas de pesquisadoras negras

Pesquisadora	Fonte/Categoria	Fragmento selecionado
Mirian Aquino	Relatório de Pós-Doutorado / Formação como projeto de vida pessoal/profissional	O momento decisivo do meu percurso de formação educacional ocorreu quando retornei a Vitória da Conquista, onde não havia possibilidade de concluir o Curso Científico, e optei pelo Curso de Magistério do Centro Integrado de Educação Luiz Navarro de Brito (CIENB) e, logo, descobri que me identificava mais com esse Curso. Nessa época, exatamente, comecei a perceber sinais de racismo nas relações entre brancos e negros. As colegas, que sentavam atrás de minha cadeira na sala de aula, durante as aplicações das provas, solicitavam ajuda, e a professora me humilhava pensando que eu estava passando a cola, sem jamais reconhecer que humilhar o outro fere a autoestima de quem vivencia a experiência dolorosa de ser tratado com desprezo.
Mirian Aquino	Relatório de Pós-Doutorado / Compreendendo o racismo na relação ensino-pesquisa	Outra manifestação de racismo ocorreu quando retornei do Doutorado para reassumir as atividades no meu Departamento. Eis um sobressalto! Uma colega me interrompeu e disse: “Este cabelo não combina com você”. Outra colega ironizou: “Este cabelo só combina com as europeias, ele não fica bem em você”. [...] A partir daquele momento, em que essas colegas estranharam meus cabelos, percebi mesmo a presença do racismo na Universidade. Naquela época, eu só conhecia professoras negras nos cursos de Economia, Educação e Biblioteconomia. E eu era uma delas.
Mirian Aquino	Relatório de Pós-Doutorado / Grupo de Estudos GEINCOS / Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais (NEPIERE)	O sentimento de desconforto nas relações raciais serviu para a criação do “Grupo de Estudos Formando Competências, Construindo Saberes e Formando Cientistas” (GEINCOS), formado por graduandos (Biblioteconomia), mestrandos (Ciência da Informação) mestrandos e doutorandos (Educação). Com a expansão das atividades e dinâmicas do GEINCOS, em 2008 criou-se o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Educação e Relações Étnico-raciais (NEPIERE), com o objetivo de desenvolver novas pesquisas, promover eventos e consolidar discussões, debates e reflexões sobre as relações étnico-raciais entrelaçadas com os saberes interdisciplinares.
Aparecida Moura	Memorial Acadêmico para Defesa de Professora Titular da UFMG / Percursos acadêmicos em Ciência da Informação	[...] tenho me construído como intelectual no campo da Ciência da Informação nos últimos 23 anos. Essa construção, no contexto da Ciência da Informação, representa um desafio em virtude de esta ciência ter sido considerada, ao longo de sua institucionalização no Brasil, como um campo voltado à formação de recursos humanos para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. [...] A legitimação alcançada nesse percurso me permitiu também participar da gestão da Universidade em cargos estratégicos e prestigiosos para a interlocução acadêmica. Dentre essas funções, destaco a coordenação do Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação e a Coordenadoria de Políticas de Inclusão Informacional – CPINFO/UFMG, assumida em 2010 e que tem me permitido realizar importantes ações que ampliam a visibilidade da Ciência da Informação em geral e da ECI no cenário nacional e Internacional
Aparecida Moura	Memorial Acadêmico para Defesa de Professora Titular da UFMG / Atuação nos cursos de	Meu esforço nos últimos anos foi o de incorporarmos resultados das pesquisas desenvolvidas e consonância com um diálogo com a sociedade. Isso permite aportar maior articulação entre a história disciplinar e a

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB 2021

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

Pesquisadora	Fonte/Categoria	Fragmento selecionado
	graduação da Escola de Ciência de Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG)	atualidade e estimular o compromisso dos alunos com o campo de conhecimento. Nesse sentido, introduzi nas disciplinas ofertadas um olhar sobre a organização e o uso da informação com foco no processo de concepção da informação da perspectiva cultural e social. Assim, coloquei em diálogo metodologias clássicas e alternativas resultantes de apropriações populares com os elementos dados pelos resultados das pesquisas recentes.
Aparecida Moura	Memorial Acadêmico para Defesa de Professora Titular da UFMG / Extensão e Ações Afirmativas na UFMG	Em 2001, passei a integrar o Programa Ações Afirmativas na UFMG, coordenado pela professora Nilma Lino, da Faculdade de Educação, uma iniciativa que nasceu no bojo da discussão sobre a democratização do acesso ao ensino superior brasileiro. [...]No âmbito das atividades integradas ao Programa Ações Afirmativas na UFMG, atuei no ano 2007, como conselheira da Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos à Educação dos afro-brasileiros – CADARA mantida pela SEPPIR e pelo Ministério da Educação. A Comissão é responsável pela elaboração, acompanhamento, análise e avaliação de políticas educacionais voltadas para os afrodescendentes brasileiros.
Joselina da Silva	Artigos memoriais / Professora Universitária – Quinta Incursão – Relações acadêmicas profissionais	Esta visão determinística que posiciona, a nós, mulheres negras como eternas integrantes de lugares subalternizados, também se abateu sobre mim – Joselina da Silva- quando atuei no Ceará. Por estar num campus de interior (Juazeiro do Norte), grande parte do processo burocrático administrativo era decidido na capital, no campus Fortaleza, que ficava a cerca de oito horas de distância. Encaminhei-me ao setor de pessoal para buscar uma carteira funcional. Fui recebida por um funcionário, apresentei-me como professora e informei a razão de minha presença. Fiquei aguardando em uma sala vazia de onde ouvia vozes de pessoas trabalhando. Minutos depois, uma outra funcionária – mulher branca de cabelos artificialmente alourados – surgiu e perguntou se eu era a mulher dos serviços gerais. Ao perceber o equívoco, o primeiro funcionário reapareceu imediatamente e disse quem eu era. A mulher retirou-se desconsertada e sem se desculpar. Quando finalmente recebi o documento dirigi-me ao cidadão que me atendera inicialmente e pedi-lhe que informasse à sua colega que nem todas as mulheres negras atuam nos serviços de faxina. E que ali estava uma professora adjunta, logo, com doutorado. Prefiro retirar-me sem aguardar possíveis argumentações.
Joselina da Silva	Artigos memoriais / Flores e Frutos	[..] frutos e flores que nascem nas universidades onde atuo. São as mulheres que decidem serem minhas orientandas, nos três níveis de formação: graduação, mestrado e doutorado. Balançam-me, desafiam, tencionam, chacoalham e me puxam. Nestes intensos movimentos solidificam minhas raízes que se fincam cada vez mais para se manter de pé. Assim, estes novos e ainda tenros galhos me levam para o alto num infinito que consigo vislumbrar através do engrossar e enroscar de seus galhos que me projetam.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

As trajetórias de vida de mulheres negras, por mais que tenham elementos em comum, como o racismo e o machismo, elas têm suas singularidades.

As trajetórias de vida dessas três mulheres negras nos mostram o quanto as diferenças são marcantes e importantes na vida de uma pessoa. Nossas protagonistas, são mulheres negras infiltradas na academia, engajadas em desfazerem “rotas hegemônicas da teoria feminista e maternarem afeto, de si, em prol de quem sangra” como alude Carla Akotirene (2018, p. 15), porque o racismo estruturado pelo colonialismo moderno insiste em dar cargas pesadas a mulheres negras.

A Professora Mirian, uma mulher baiana, que em busca de um sonho onde a educação sempre foi prioridade muda-se para outro estado, recomeça sua carreira em outra área, enfrenta todo tipo de preconceito institucional e ainda assim consegue ter forças para atuar em defesa da luta antirracista. Cria um grupo de pesquisa sozinha, apenas com suas orientandas e seus orientandos, fomenta a discussão de cotas, a presença da população negra na universidade, na memória da ciência e ainda busca dar visibilidade as narrativas de vida de docentes negras como ela. Pioneira na Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, buscou e abriu portas para criar espaços, onde fosse possível discutir as questões étnico-raciais e de gênero nestes campos. Sua trajetória de vida, suas publicações, suas orientações e suas pesquisas inspiram pessoas a criarem projetos. Seu legado vai além dos muros da universidade, fez com que pessoas, assim como ela buscassem o caminho da educação e da pesquisa, de uma educação libertadora e transformadora.

A professora Cida, uma mulher mineira, de família humilde, encontrou nesse espaço todo apoio que precisava para acreditar na educação como uma questão central na vida das pessoas. Militante desde jovem, muito cedo descobriu que tinha que lutar para combater as desigualdades. Se formou nessa conjuntura, onde aliou a demanda que tinha em documentar a emergência dos fatos, sua paixão por livros e biblioteca. Seu caminho foi solitário. Foi a única negra na universidade por muito tempo. Teve que criar estratégias de sobrevivência e de afirmação da sua identidade cotidianamente. Hoje é professora titular da ECI/UFMG, uma das maiores escolas de Ciência da Informação do país, com vasta produção, atuação em pesquisa, ensino extensão. Ainda tem tempo para militância, em várias instâncias da universidade onde atua. E é nessa prática de fazer permanecer a memória viva contra uma sociedade opressora que nossa protagonista segue trilhando seu caminho.

Na professora Joselina, uma mulher da baixada fluminense, enxergamos a força das mulheres traduzida em versos. Joselina também tem a militância marcada em sua trajetória de vida, assim como, infelizmente, o racismo e o machismo estrutural que a perseguiram por toda sua vida. Em um primeiro momento escolheu a educação como uma forma de se libertar mais rapidamente e financeiramente do pai. O racismo nosso de cada dia estava presente em suas amizades, na universidade, no trabalho, na rua, afinal ser mulher negra também é ser objeto de sexualização como ela mesma relata. Encontrou nos movimentos sociais a rede de apoio para lutar em defesa das suas e dos seus. Sua religiosidade é seu guia. Pesquisadora voltada totalmente para questões raciais, de gênero e movimentos sociais. É uma força e uma referência quando se trata de trajetórias de vida de mulheres negras. E levou para biblioteconomia do interior do Ceará essa força fazendo com que outras pessoas despertassem seu olhar e fizessem da sua trajetória de vida, uma vida pautada no combate ao racismo e ao machismo.

No mais, concluímos essa etapa refletindo: por mais dados que possamos acessar/coletar é impossível medir o quão potente foram os impactos de toda uma vida dedicada à luta étnico-racial e às questões de gênero dessas mulheres. No entanto, não nos resta dúvidas do quanto a produção, vida e obra dessas mulheres negras, fundamental para nos inspirarmos e aprendermos a ser, todas nós, protagonistas de nossas próprias histórias.

A produção científica hegemônica não é neutra, pois não existe neutralidade possível na disputa de poder instaurada hoje no mundo. Imbuída de uma compressão do feminismo negro, afirmamos que ao terem voz, e se fazerem ouvir, mulheres negras, não brancas e intelectuais como Mirian de Albuquerque Aquino, Maria Aparecida Moura e Joselina da Silva, são pessoas de micro revoluções por onde passam, movendo de forma coletiva e criando rachaduras sistêmicas no estado racista, misógino e colonial brasileiro. Cabe agora a nós, mulheres negras e não brancas nos reconhecermos nesse papel de intelectuais orgânicas e movimentar as estruturas sociais.

4.2 “Baobá Genealógico”: tranças intelectuais

De que modo podemos compreender os elos e travessias que produzimos ao longo da nossa trajetória de vida? A partir da noção de Baobá Genealógico”, seguimos tentando responder e confirmar o pressuposto inicial desta pesquisa, de que essas pesquisadoras contribuíram e ainda contribuem para construção e formação de uma rede de intelectuais

negras e negros e não negras e não negros, que são sensíveis e atuam para o enfrentamento de problemáticas geradoras de discriminação e exclusão social, como racismo, machismo, sexismo e LGBTfobia.

Para isso, identificamos os currículos e os grupos de pesquisa dos quais as pesquisadoras fazem parte, selecionamos os dados referente as orientações em Biblioteconomia e Ciência da Informação em ensino, pesquisa e extensão, da iniciação científica até o doutorado, extraímos as publicações em coautoria com as pesquisadoras com o recorte de relações étnico-raciais, gênero e diversidade, e por fim discutimos sobre as fontes biobibliográficas selecionadas e os resultados encontrados.

Para trabalhar com esse volume de dados, optamos por construir um ambiente virtual para disponibilização, organização e disseminação dessa etapa da pesquisa. O ambiente foi construído na plataforma online “Wix.com” de criação e edição de sites. Sendo assim, após a criação da conta, adquirimos o domínio “pesquisadorasnegras.com” e, a partir daí, iniciaram-se os processos de edição, organização e tabulação dos dados, voltados ao ambiente virtual.

A estrutura do espaço, como mostra a imagem 3 (três) acima, compreende: Página Inicial; Metodologia; Pesquisadoras; Baobás; Sobre Mim; Sobre a Pesquisa; e, Contato.

Imagem 1 – Página inicial do Ambiente Virtual “Pesquisadoras Negras”



Fonte: Disponível em: <https://www.pesquisadorasnegras.com/>

Os Baobás foram idealizados e estruturados da seguinte forma: imagens baseada em um Baobá clássico (a árvore), que foram desenhadas pela assistente de pesquisa no *CorelDraw*², uma foto da pesquisadora inserida na base da árvore representando a base do Baobá (raiz e tronco) e os nomes das pessoas que elas orientaram no campo de Biblioteconomia e Ciência da Informação, com o recorte de raça, gênero e sexualidade (problemáticas que afetam a sociedade e são fatores de discriminação e exclusão social - Hipótese), ao lado dos galhos, representando essa rede intelectual/orgânica/genealógica. No ambiente virtual da pesquisa, a hipertextualidade³ está presente, na forma como apresentamos e como os sujeitos interagem com o Baobá e as pessoas que dele fazem parte.

Por isso, depois que apresentamos a visualização dos Baobás, selecionamos, organizamos e tabulamos os dados de cada orientação, vinculada as pesquisadoras, e detalhamos sua relação, seja ela de ensino, pesquisa ou extensão, com as mesmas e continuidade dos estudos, pesquisa e trabalho, de acordo os critérios apresentados acima. Os dados completos encontram-se disponíveis no ambiente digital que construímos. Até porque, pela quantidade de dados seria inviável incluir como apêndice do trabalho. Nesse sentido, recomendamos que a pessoa que esteja lendo esta pesquisa, confira as conexões e

² Software de design gráfico baseado em janelas, desenvolvido e comercializado pela Corel Corporation. É basicamente um editor de gráficos vetoriais que cria e edita imagens digitais, através de uma sequência de comandos ou equações matemáticas. Disponível em: <https://www.coreldraw.com/br/>

³ A Hipertextualidade pode ser entendida como uma produção coletiva do conhecimento, que se fundamenta na participação de diferentes autores(as) e de equipes interdisciplinares que realizam uma atividade cooperativa. Disponível em: <https://www.infoescola.com/informatica/hipertexto/>

seus desdobramentos com mais riqueza de detalhes no ambiente virtual “<https://www.pesquisadorasnegras.com/baobas>”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas diversas sociedades, especialmente as ocidentais, as desigualdades entre homens e mulheres estão presentes em todas as atividades sociais, sejam elas econômicas, profissionais ou educacionais. Essa problemática é foco de pesquisadoras e pesquisadores que fazem a análise da sociedade, da universidade e do acesso de pessoas excluídas dos bens econômicos, materiais e culturais, educacionais e informacionais.

A construção epistemológica em Biblioteconomia e Ciência da Informação demarca importante desenvolvimento sobre as perspectivas sociais que repercutem a experiência das diferenças, porém, o espectro proporcional de sua produção é limitado e assustadoramente pequeno comparado aos dilemas sociais, principalmente no contexto brasileiro. A pergunta sobre o lugar da epistemologia negra feminista no campo biblioteconômico-informacional nos leva até tranças e baobás que apresentam e representam as outras tantas configurações do desenvolvimento do que é uma dada ciência em seu espaço-tempo.

Para as pessoas negras, a escravidão não significa unicamente uma memória sofrida, mas uma herança marcada pelo estigma social. Já para as mulheres negras, os problemas não estão apenas relacionados à privação de liberdade e aos trabalhos pesados aos quais elas estavam sujeitadas, mas também à exploração sexual. Do lugar de dominação, da posição masculina, branca, patriarcal, as mulheres negras serviam apenas para satisfazer à insanidade dos desejos masculinos, não tendo direito à individualidade, à própria existência.

Nesse sentido, nos baseamos em premissas do Feminismo Negro Interseccional, vertente do movimento feminista que atua na redução das desigualdades. As pautas levantadas pelos movimentos de mulheres negras se fundamentam no legado de uma história de luta que entrecruza gênero, raça e classe, se alimentando do protagonismo dessas mulheres negras nos vários espaços que atuam (mães, professoras e líderes comunitárias), agindo pelo combate aos estereótipos e, não menos importante, pela revisão de uma política sexual que rege os corpos de mulheres.

Na CI, presencia-se uma busca no sentido de capacitar profissionais para o processo de compreensão do valor da informação e reconhecimento de sua importância política, social, econômica e cultural. Trata-se de contribuir com os conhecimentos de áreas que

lidam com a informação e podem ser articulados aos conhecimentos da educação e outras áreas afins, numa perspectiva interdisciplinar, auxiliando o exercício da cidadania (AQUINO, 2010).

Por isso, é necessário e urgente visibilizar essas histórias. Contar - e se orgulhar - das trajetórias de mulheres negras que, quando visibilizadas, nos ajudam a humanizar a nossa própria vivência e toda uma ancestralidade que nos foi negada. Dessa forma, não precisaremos mais ficar à procura de heróis e heroínas, super-homens e supermulheres da era colonial ou dos tempos atuais: teremos exemplos reais de vidas vividas, lutas travadas e conquistas obtidas para nos inspirar.

FINANCIAMENTO

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018. 143 p. (Feminismos Plurais).

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. Tradução de Ana Maria Rezende et al. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5. 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança afro: a cultura do cabelo subalterno**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York/London: Routledge, 2000.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo, Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

EGAN, Margaret E.; SHERA, Jesse H. Foundations of a theory of bibliography. **Library Quarterly**, v. 22, n. 2, p. 125-137, 1952.

FICHER, Mariana Pimentel. Por que é importante falarmos em feminismos (no plural)? **Portal Geledés**, 18 jul. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-e-importante-falarmos-em-feminismos-no-plural/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade,” **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, 5. Campinas: Ed. Unicamp, v. 5, p. 07-41, 1995.

HERINGER, Rosana. Diversidade racial e relações de gênero no brasil contemporâneo. *In*: UNIFEM (org.). **O progresso das mulheres no Brasil**. Brasília: Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), 2006. p. 140- 165.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da Liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, ano 3, p. 464-478, jul./dez. 1995.

KILOMBA, Grada. **Plantation memories, episodes of everyday racism**. Alemanha: Editora UNRAST, 2016.

MARTELETO, Regina Maria; SILVA, Antônio Braz de Oliveira e. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, v. 3, n. 33, p. 41-49, set./dez. 2004.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Epistemologia da Biblioteconomia**. 1985. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1995. p. 11-30. (Coleção Ciências da Educação).

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **SUR 24**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SHERA, Jesse H. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 87-97, 1973.

SILVA, Joselina da. Meu baobá genealógico: histórias e memórias de mulheres que me sustentam. **ReDoc: Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 263-270, set./dez. 2019.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Bamidelê**: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba. 122 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

WALBY, Sylvia. Feminismo: direitos da mulher: uma história de dominação e lutas. **Revista Sociologia Ciência & Vida**, São Paulo: Editora Escala, ano 3; n. 22, 2009.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil**: um debate. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.